

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DIEGO CAMPOS OLIVEIRA

ORGULHO SOBRE TELA: DRAMATIZAÇÕES PICTÓRICO-AFETIVAS

UBERLÂNDIA – MG

2017

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DIEGO CAMPOS OLIVEIRA

ORGULHO SOBRE TELA: DRAMATIZAÇÕES PICTÓRICO-AFETIVAS

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC II, apresentado na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais. Sob orientação da Dra. Ana Helena da Silva Delfino Duarte.

UBERLÂNDIA – MG

2017

DIEGO CAMPOS OLIVEIRA

ORGULHO SOBRE TELA: DRAMATIZAÇÕES PICTÓRICO-AFETIVAS

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC II, apresentado na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais. Sob orientação da Dra. Ana Helena da Silva Delfino Duarte.

Uberlândia, 12 de Dezembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Ana Helena Duarte. – FAFCS/UFU (Orientadora)

Prof. Dr. Rodrigo Freitas Rodrigues - IARTE/UFU

Prof. Esp. Alexandre França – Studio Casa de Ideias

Dedico este trabalho á todos LGBTI+.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Irismar, e ao meu pai, Waldson, por investirem e apoiarem minha formação educacional e profissional.

À Prof. Dra. Ana Helena, por me orientar na produção dessa pesquisa.

*“...No matter gay, straight, or bi
Lesbian, transgendered life
I'm on the right track, baby
I was born to survive...”
Born This Way - Lady Gaga*

RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de investigar os símbolos e as iconografias relacionadas ao universo representativo LGBTI+ por meio da pintura como mecanismo de expressão artística. Partiu-se da análise histórica do lugar destinado aos indivíduos LGBTI+ com a apresentação de arquétipos relacionados à identificação desses indivíduos subjugados no decorrer da História por relações de poder. Falamos sobre a importância de uma consciência pró-LGBTI+ e a necessidade de se posicionar contra as intolerâncias e demonstrações de ódio.

A pintura foi a linguagem plástica escolhida para manifestar as imagens aqui propostas que dizem respeito às várias demandas pró-LGBTI+. Palavras, ou “frases pintadas”, estão inseridas nas composições e referem-se a um “grito de socorro” frente às violências que essa comunidade é alvo cotidianamente. Também torna-se importante ressaltar a questão da minha potencialização no uso das cores, que apesar de ser a mesma paleta presente ao longo dos meus trabalhos, agora se encontram ressignificadas de forma política. As formas também se alteram, porque antes eram focadas em um copo íntimo e individual, mas no final configuraram-se como corpos de ação política e representação coletiva.

Palavras-chave: LGBTI+; Símbolos; Ícones; Violência; Artes Visuais; Pintura.

ABSTRACT

This monograph has the objective of investigating symbols and iconographies related to the representative LGBTI+ universe through painting as a mechanism of artistic expression. It started from the historical analysis of the places destined to the LGBTI+ individuals with a representation of archetypes related to the identification of those people who were subjugated in the course of History by relations of power. We talked about the importance of a pro LGBTI+ awareness and the need to stand against intolerances and demonstrations of hatred.

The painting was the plastic language chosen to manifest the images here proposed which are related to various pro LGBTI+ demands. Words, or “painted phrases”, are inserted in the compositions and refer to a “cry of help” in face of the violence that this community is daily target. It’s also importante to emphasize the question of my potentialization in the use of colours which, despite being the same pallet present throughout my work, are now in a political sense. The forms also changed, because before they were focused on and individual and intimate cup, but in the end are configured as bodies of political action and collective representation.

Key words: LGBTI+; Symbols; Icons; Violence; Visual arts; Painting.

LISTA DE FIGURAS

01: Emblemas do campo de concentração nazista.	18
02: Triângulo Rosa.	19
03: Triângulo Preto.	19
04: Triângulo Rosa/Amarelo.	19
05: Gilbert Baker, Original de oito riscas, 1978.	20
06: Versão sem o rosa, 1979.	21
07: Versão seis cores, 1979.	21
08: Rinoceronte Roxo.	22
09: Rinoceronte Roxo.	23
10: Mão de Cor Púrpura.	24
11: Fragmento de uma das composições finais.	24
12: Fotografia do Artista com filtro pró LGBTI+, campanha #LoveWins .	25
13: OLIVEIRA, Diego. Sem Título, Guache sobre papel, 2015.	27
14: OLIVEIRA, Diego. Autorretrato, Acrílica sobre tela, 2016.	28
15: OLIVEIRA, Diego. Autorretrato, Acrílica sobre Suporte Alternativo, 2016.	29
16: OLIVEIRA, Diego. Espelho Duplo, 2016.	30
17: OLIVEIRA, Diego. Experiment 000. CLR, Vídeo, 2016.	31
18: <i>Gilbert Baker sewing the Rainbow Flag in NYC</i> , 1994.	32
19: <i>The Original 8-color Rainbow Flag, June 25, 1978</i> .	33
20: Keith Haring.	35
21: <i>Silence=Death</i> , 1988.	37
22: <i>Silence=Death</i> , 1989.	37
23: <i>Ignorance = Fear</i> , 1989.	38
24: Diego Campos, <i>Love is Love</i> , 2017. 100 x 80cm.	38
25: OLIVEIRA, Diego. Série: <i>Dramatizações</i> , 2017.	39
26: OLIVEIRA, Diego. Série: <i>Dramatizações</i> , 2017.	40
27: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	42
28: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	42
29: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	42
30: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	43
31: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	43
32: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	43
33: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: <i>Dramatizações Pictóricas</i> , 2017.	43
34: OLIVEIRA, Diego. <i>Born This Way</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	47
35: OLIVEIRA, Diego. <i>God Loves Fags</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	48
36: OLIVEIRA, Diego. <i>Stop Hate</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	49
37: OLIVEIRA, Diego. <i>Love is Love</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	49
38: OLIVEIRA, Diego. <i>2QT2BSTR8</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	50
39: OLIVEIRA, Diego. <i>Stop Killing Us</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.	50
40: OLIVEIRA, Diego. <i>Silêncio = Morte</i> , 2017. Acrílica sobre tela, 180cm x 120cm.	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAP. I DRAMA, SEXUALIDADE, CONFLITO: POÉTICA DA RESISTÊNCIA	14
1.1 Sexualidade periférica, contexto histórico.	14
1.2 Poética da Resistência.	17
1.2.1 LGBTI+: uma comunidade plural.	17
1.2.2 Triângulos: do Holocausto ao Empoderamento	18
1.2.3 A Bandeira do Orgulho	20
1.2.4 O Rinoceronte Roxo	22
1.2.5 A Mão de Cor Púrpura	24
1.3 Love Wins: da Apropriação Simbólica á Visibilidade Necessária.	25
CAP. II DIÁLOGOS SOBRE O CORPO	27
2.1 Estudos sobre o corpo: Antecedentes	27
2.2 Artistas que potencializam essa pesquisa	32
2.2.1 Gilbert Baker: criador da bandeira LGBTI+	31
2.2.2 Keith Haring: o artista militante	34
CAP. III "MASCULINIDADE: "EU & EUS"	
3.1 Gênesis Pictórico	39
3.2 Sobre as Cores e as Formas	44
3.3 Sobre o Desejo: Sexualidade Declarada	45
3.4 Orgulho Sobre Tela: Dramatizações Pictórico-afetivas	46
Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	54

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se à construção de uma série de Pinturas a partir do uso de técnicas variadas sobre os suportes de papéis e telas. A temática pretendida tem como motivação inicial a representação de corpos humanos do gênero masculino no primeiro momento da investigação, nele desenvolvo meus estudos sobre o corpo no sentido de criar uma certa dramaticidade acerca da figura masculina, mas que no segundo momento se desenvolve para um estudo político e de característica ativista.

Dentre os assuntos que permeiam a construção dessa imagem abordo aspectos como os do drama do corpo *gay*, a violência e a relação desses corpos, e sua dramaticidade na história das sociedades. Pelo dispositivo da pintura, crio uma narrativa que pretende dar visibilidade e denunciar as vulnerabilidades existenciais dos sujeitos LGBTI+. Tendo características que dialogam com artistas-ativistas, minha pintura pretende libertar dos paradigmas machistas a gestualidade masculina, seus medos, afetos e dores, objetivando a busca da empatia pelo seu observador, como também desdobramentos sobre o desenvolvimento de um olhar político e a necessidade de uma militância LGBTI+.

Flertando com o universo fotográfico, no que diz respeito à apropriação das imagens, inicialmente, me sirvo de fotografias de sujeitos com os quais não possuo vínculo, e tenho o desejo inicial de explorar o corpo do universo da moda, busco essas imagens em revistas e plataformas online, sendo elas minha principal referência para construção das composições no campo pictórico na parte primeira da pesquisa, o que me permite explorar as relações dos corpos, a questão da postura, movimento, forma, cores, equilíbrio e em menor grau a vestimenta. Depois esse desejo é superado, passo a usar meu próprio corpo para a construção da coletânea de pinturas finais, o que dá o novo significado a pesquisa, ela passa a ser toda relacionada às violências contra os indivíduos LGBTI+, seus desejos, afetos, saúde, sexualidade, além de outras questões dentro desse contexto.

A partir de uma perspectiva de sujeito pertencente à comunidade LGBTI+, discorro sobre questões sociais, políticas e sexuais, que atravessam interesses históricos de opressão, vulnerabilidade, violência e omissão. Meu foco não está mais presente na sensualidade dos corpos, mas na intenção de dar forma e exaltar as

suas sensíveis formas e sua dramaticidade no contexto contemporâneo em que se inserem. Pretendo ressaltar a resistência desses sujeitos colocados a margem pela sociedade, como também suas múltiplas relações e interconexões afetivas, e até mesmo sua hesitação na demonstração de seu próprio amor, ousando aqui manifestar um grito que de visibilidade aos corpos que, apesar de jovens, muitas vezes não são saudáveis, acometidos por pressão psicológica e depressão, protagonizados pelos sujeitos que são muitas vezes vítimas de preconceito, acometidos por doenças sexuais que os Estados muitas vezes se omitem ao não criar políticas de conscientização, como também a sua condição existencial, o desejo de união, esperança, consciência de si, do outro, e resistência política.

Os corpos aqui presentes nas composições se encontraram imersos em ambiências que não remetem a um lugar objetivo e em sua maioria estão dramatizados em ambientes pictórico-abstratos. Esse universo não pretende ser espiritual, visa à compreensão emocional desses indivíduos que são vítimas do olhar do outro sobre seu amor, o que faz com que eles mesmos tenham por muitas vezes medo da rejeição e se distanciem de suas próprias potencialidades afetivas.

Essa pesquisa tem como interesse a discussão e investigação de estudos sobre sexualidade, como também um olhar atual sobre a realidade LGBTI+. Apoio-me na filosofia e tomo como base pensamentos de Michel Foucault, reflexões e teorias que resgato de meus estudos em História da Arte, e Artistas Visuais pertencentes à comunidade LGBTI+, que contribuíram e me motivaram, a partir de suas histórias e criações artísticas a construir uma poética ativista que condiz com o contexto controverso em que a Arte Contemporânea e a própria sociedade se localizam hoje.

Essa monografia é dividida em três capítulos, onde no Capítulo I, "Drama, Sexualidade, Conflito: Poética da Resistência", contextualizo a questão histórica da homossexualidade, e discorro sobre alguns de seus principais símbolos de resistência política. No Capítulo II, "Diálogos Sobre O Corpo", abordo meu grande interesse pelo estudo sobre os corpos, a sensualidade e as relações sociais, em especial as de poder, será possível notar algumas dessas características como no item 2.1, em que apresento alguns antecedentes de estudos que desenvolvi ao longo do curso de Artes Visuais, ilustrando assim que alguns desses assuntos citados me motivaram a criar Arte ao longo do percurso acadêmico na Universidade Federal de Uberlândia. Logo depois, finalizo com o Capítulo III, "Masculinidade: Eu e

Eus” onde concluo a pesquisa e mostro o resultado das pinturas que desenvolvi ao longo desse projeto.

Assim sendo, minha proposta em *Orgulho sobre tela: Dramatizações Pictórico-afetivas*” se configura como um projeto poético em Artes Visuais, que a partir da linguagem pictórica visa uma imagem que está carregada de várias iconografias de resistência política LGBTI+, por vezes preservadas, mas que em outros momentos são ressignificadas, e que atualmente representam de forma orgulhosa, a partir de suas cores e formas, uma comunidade diversa, que se organiza e toma para si a responsabilidade de e celebrar o empoderamento das minorias políticas, o orgulho de ser como se é, as diversidades de cada indivíduo, suas próprias individualidades, a liberdade de suas várias sexualidades e acima de tudo, o amor.

CAP. I- DRAMA, SEXUALIDADE, CONFLITO E RESISTÊNCIA

1.1- Sexualidade periférica, contexto histórico.

De acordo com o artigo “O Surgimento dos Homossexuais”, que se propôs a traçar um panorama sobre a questão, “Homossexual Por quê?”, tomei como leitura a revista “filosofia”, ANO VI, N70, edição de 2012, se configurando como o primeiro lugar onde busquei compreender historicamente sobre o como a homossexualidade é localizada. Entende-se de fato, que ela é datada desde a antiga Grécia e apesar de hoje ela causar muitos debates e enfrentamentos contrários á sua prática, naquele período ela não causava espanto. Passou a ser entendida como uma enigmática patologia e foi registrada e catalogada dentro do “Catálogo Internacional de Doenças” em meados do século 20. Esse contexto errôneo e preconceituoso é jogado no lixo da história em 1990, quando esse traço da sexualidade humana passa a não ser mais considerada uma doença.

Um dos maiores teóricos e estudiosos sobre o tema foi Michel Foucault. E sua abordagem afirma que o termo “homossexual” como “categoria” nasce em 1870, a partir do artigo de Carl Westphal (1833-1890), cujo título é “As Sensações Sexuais Contrárias”. Acontece que a partir do século 19, temos um discurso voltado para uma tentativa de “especialização” criar e enquadrar aqueles que se relacionavam sexualmente com “iguais” dentro de grupos pré-determinados. Antes da criação do termo “homossexual” o que tínhamos era a recriminação contra atos homossexuais, entretanto não havia um sujeito homossexual.

Aquele que praticava coito homoerótico antes 1870, não era - ainda - tido como pertencente de uma classe menor da sociedade, o que interessava era que logo depois que ele consumasse o ato se redimir a partir de coisas que poderiam purificar sua “atitude pecaminosa”, assim entendiam que o sujeito não era “aquilo”, mas que ele havia feito aquilo, nesse sentido não reduziam o sujeito exclusivamente a sua sexualidade (que até então nem se entendia). Com o poder voltado para as instituições como a Igreja, o que tínhamos era a orientação de que com orações era possível se desvencilhar do pecado (o que é irônico, já que em séculos anteriores tínhamos a Santa Inquisição torturando e assassinando aqueles que tinham práticas homossexuais).

Portanto com o surgimento da terminologia conceitual “o homossexual”, ocorreu uma localização do paradigma desse sujeito, ele tinha uma identidade e desejos singulares que se orientavam para o cerne do seu ser e não para a ação de suas práticas. Mas isso também não significou algo positivo, pois ao conseguir categorizar algo, torna-se possível então seu estudo e a ciência não é separada de ideologia, pelo contrário ela esteve e está muitas vezes atrelada a interesses e a serviço de grupos que se localizam no poder e nas autoridades vigentes, assim, o que tivemos foi o surgimento de um “rótulo” que identificaria aquele quem fosse interessante identificar, aqueles que desviavam das normas sexuais vigentes, surge então uma classe que não se declarou a partir de traços “identitários”, mas de uma “marca” que tinha a intenção de coloca-los em uma subcategoria da humanidade.

Ainda no final do século XIX, temos a psiquiatrização, muitas vezes compulsória, de homossexuais, que deu base para o surgimento da crença que a toda a esfera da existência do homossexual se resumisse a sua prática sexual, a copula de alguém do mesmo sexo, deles foi negado sua identidade pois ela era vista como um todo misto, exclusivo, de “libido e luxúria ainda, pecaminosas”. Nesse sentido, Foucault entendeu que:

“O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ele é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular” (FOUCAULT, 1984a, p. 43).

“O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1984a, p. 44).

No início do século 20, surgiram várias “tecnologias sexuais” e as ditas “ciências sexuais” que tinham o objetivo de colaborar com o ideal burguês capitalista de procriação vigente na época. A existência de homossexuais nesse contexto incomodava muito, pois a ideia era de que sexo deveria ser praticado para procriação e com o aparecimento dessa “nova espécie”, os homossexuais, estaríamos destinados a extinção da “raça humana”.

No final do século 20 a homossexualidade é retirada da lista de patologias do “Catálogo Internacional de Doenças”, mas até 1960 o termo “homossexual” ainda

era utilizado em contexto médico, legal e também psicológico. Depois de 1960 temos um movimento político insurgente em que homens e mulheres passaram a se autodeterminar como *gays*, que em inglês significa “alegre”, o que acabou gerando revolta daqueles tidos com a sexualidade “normal” pois acabaram tendo em sua visão uma palavra comum roubada por um grupo de “desviados, pervertidos, etc...” ressignificando e empoderando-se dela.

Então a partir daqui temos dois contextos, um no qual “homossexual” refere-se a um histórico de categorização taxativa “patológica” das biociências e agora “*gay*” que se caracterizou como um grupo desses próprios, que posicionaram politicamente, lutando por direitos, pela descriminalização de suas práticas, pela liberdade, pelo respeito á diversidade e as diferenças; Portanto, ser “*gay*” é ser orgulhoso e não ser doente. Tomando assim uma posição de enfrentamento ás normas, e resistindo ao olhar discriminatório do outro, em um contexto no qual ao declarar-se *gay*, o sujeito toma para si uma postura de autor da própria felicidade, independente do objeto do meu amor ser uma pessoa do meu mesmo sexo e que não é o outro que irá ditar que eu deveria me sentir mal por isso, me sentir culpado, doente.

Dentro desse ponto de vista histórico, os *Gays*, assumiram para si uma postura política de enfrentamento e resistência negando então serem portadores de uma patologia. Entendemos assim que homossexual e *gay* tem uma grande diferença, enquanto um é condição sexual, o outro é uma conquista pessoal de uma postura política libertadora para luta pelo respeito ás diferenças.

Foucault deu sinais ao longo de seus estudos que é justo e necessário, “é preciso procurar ser *gay*”, logo, assumir um posicionamento de ativismo e intenção militante libertadoras de mudanças da sociedade, alterando assim o estado vigente da normatividade padrão. Portanto, cabe ao *gay* utilizar da marginal condição social na qual foi colocado pelo contexto histórico-social e buscar mais do que ser aceito pela sociedade, mas a transformação de sua estrutura.

1.2- Poética da Resistência.

1.2.1- LGBTI+: uma comunidade plural.

LGBTI+ é uma sigla que nomeia o a comunidade não heterossexual, (acrônimo para lésbicas, *gays* (homossexuais masculinos), bissexuais, transgêneros, travestis e intersexuais), foi cunhado por indivíduos não heterossexuais como também apoiadores e simpatizantes LGBTI+, tais como as organizações e culturas periféricas, juntos pelo ideal de cultura coletiva e os ativistas de direitos dos cidadãos. Ela tem como objetivo a celebração e empoderamento, do orgulho, das diversidades, das individualidades e das sexualidades.

Os ativistas LGBTI+ e estudiosos da sociedade, tem a comunidade como um instrumento justo e necessário para o enfrentamento e luta pela igualdade dos papéis desempenhados na sociedade como: Os de gênero, heterossexismo, bifobia, homofobia, transfobia, sexo-negatividade e as pressões não revolucionarias ainda persistentes na sociedade contemporânea.

A terminologia “ O Orgulho LGBTI+ ” refere-se á expressão das identidades da comunidade LGBTI+ com seus poderes centrados no coletivo; Existem “paradas do Orgulho LGBTI+” que acabam por serem exemplos iniciais do uso e prática da significação objetiva e usual desse nome. Entendemos que as comunidades LGBTI+ são diversas nas afiliações política e partidárias, o que gera a possibilidade de que não é todo sujeito LGBTI+ que é um ativista, tem uma consciência política coletiva ou até mesmo se consideram parte dessas “comunidades”.

O que entendemos como possibilidades de serem consideradas partes integrantes das comunidades LGBTI+ são: Bairros majoritariamente *gays*, as próprias organizações de direitos LGBTI+, os coletivos de funcionários LGBTI+ organizados nas empresas privadas, coletivos de estudantes LGBTI+ em escolas e universidades, e até mesmo os LGBTI+ que estão presentes em alguns grupos de determinadas religiões.

A comunidade LGBTI+ adotou várias possibilidades simbólicas para que se identifiquem e que tem o objetivo, de demonstrar a união, o orgulho e a partilha de valores comuns em sociedade. O simbolismo LGBTI+ comunica, além disso, tudo, ideais, conceituações e possibilidade de identidades. Normalmente os símbolos mais identificados pelas pessoas são o “triângulo rosa” e a “bandeira arco-íris”.

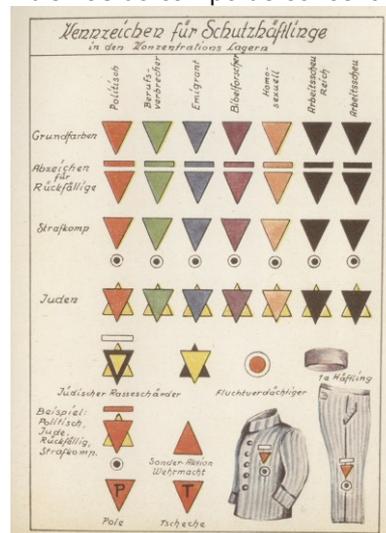
Entretanto essa pesquisa também contempla outros símbolos não tão conhecidos, mas que contribuíram muito para a produção das composições finais, nas quais pude me apropriar de suas cores e formas objetivando a criação de uma narrativa pictórica que pudesse colocar algumas questões muito pertinentes á própria comunidade LGBTI+ de forma artística e provocativa.

1.2.2- Triângulos: do Holocausto ao Empoderamento

Os triângulos de coloração rosa (Do Alemão: rosa Winkel) foram uma das violências simbólicas adotadas nos campos de concentração nazistas. Eles tinham o objetivo de identificar quem eram os homens que tinham sido presos, devido á prática homossexual. Aqueles que eram sequestrados pelos nazistas eram obrigados a vestirem uniformes que continham um emblema especial bordado nas vestes. Pessoas de origem judia no geral tinham um ícone de cor amarela e aquelas muitas mulheres consideradas "antissociais" (não só as lésbicas), eram identificadas a partir do uso de um triângulo preto. Os triângulos são assim, o primeiro símbolo criado para representar a "comunidade homossexual".

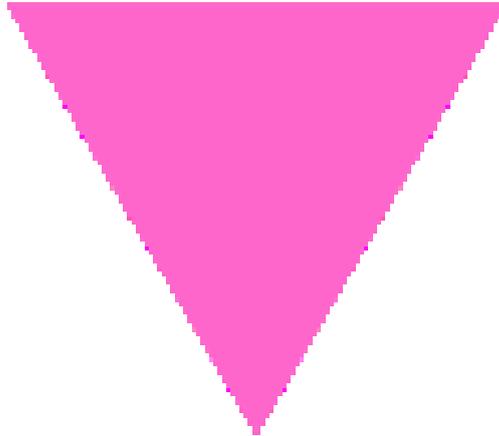
Depois disso, por muito tempo ele passou a ser usado, de forma empoderada pelos LGBTI+, como o primeiro símbolo que se reconhecia para simbolizar essa comunidade. Entretanto, algo que antes vinha de um histórico cruel dos campos de concentração nazistas foi tomado com orgulho por aqueles que um dia foram identificados como pertencentes a uma subclasse, mas que agora se identificavam como integrantes de algo maior e mais poderoso.

Figura 1: Emblemas do campo de concentração nazista



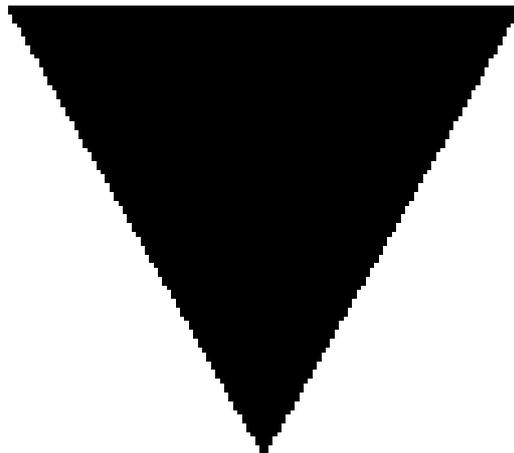
Fonte: http://www.thepinktriangle.com/images/nazi_camp_marks.jpg

Figura 2: Triângulo rosa utilizado na identificação de homossexuais.



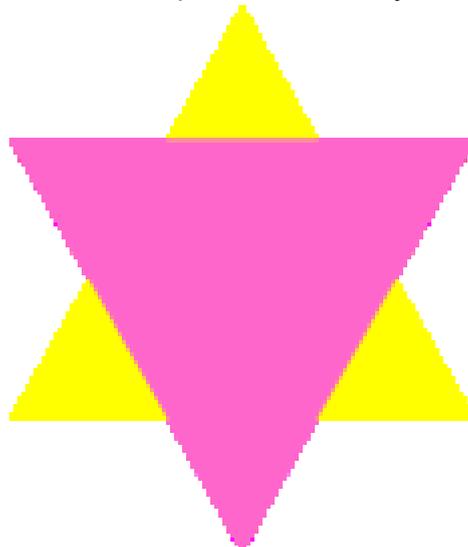
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pink_triangle.svg

Figura 3: Triângulo preto utilizado para identificar aquelas mulheres consideradas "associais". E que mais tarde viria a ser identificado como simbologia lésbica.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Black_triangle.svg

Figura 4: Triângulo rosa/amarelo usado para identificar os judeus que eram homossexuais.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pink_triangle_jew.svg

1.2.3- A Bandeira do Orgulho

Hoje famosa, a bandeira de “arco-íris” é conhecida por ser feita de tiras coloridas e posicionadas na horizontal cujo objetivo é o de representar as várias cores do arco-íris. Foram criadas diversas versões dela, que carregam algumas alterações na composição cromática, número e na própria disposição das barras coloridas. Infelizmente não existe registros históricos que possibilitam a nós sabermos qual foi sua versão primeira, pois ela foi utilizada de diversas formas já a muito tempo e pelo mundo todo. (Figura 5)

No século XVI, na Alemanha houve uma guerra chamada “Guerra dos Camponeses” em que ela foi utilizada como símbolo de esperança dos novos tempos que virão. Thomas Muentzer foi uma pessoa do sacerdócio que incentivou à revolta dos camponeses alemães, e que geralmente foi identificado como uma figura que segura uma bandeira de “arco-íris”. Hoje ela é tida como símbolo máximo dos movimentos LGBTI+, como também é utilizada como símbolo de Paz.

No século XVIII, o filósofo Thomas Payne, orientou que usassem a bandeira para a identificação de navios imparciais nos períodos de conflitos como, por exemplo, os de guerra. No começo do século 20, o norte-americano James William van Kirk, propôs a bandeira tal como a formação cromática do arco-íris juntos a imagem de um globo; Para ele a proposta deveria dar a entender que pessoas de diferentes culturas e etnias podem coexistir.

Figura 5: Original de oito riscas, Gilbert Baker, 1978.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gay_flag_8.svg

Figura 6: Versão sem o rosa (1978–1979).



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gay_flag_7.svg

Figura 7: Versão seis cores, popular desde 1979.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gay_flag.svg

A criação da atual bandeira LGBTI+ é datada de 1978, quando foi pensada pelo Artista Plástico Gilbert Baker. No “Dia da Liberdade Gay” que aconteceu nos EUA aquele ano, era possível se ver as versões primeiras da bandeira que hoje é símbolo de resistência e representa toda uma comunidade social. A intenção dele era de que fosse possível se representar os ideais de diversidade e inclusão das sexualidades humanas a partir de “algo da natureza”.

A partir de então, usar a bandeira do arco-íris tornou-se algo comum, pois ela acabou por ser disseminada na cidade de San Francisco e em diversos outros grandes centros populacionais norte-americanos tais como as cidades de Nova York e a grande Los Angeles. Em 1990, a bandeira já estava no imaginário das pessoas e já representava de maneira global os LGBTI+ mundialmente.

Nesse contexto entendo que a criação desse símbolo de resistência acabou por criar algo que identificasse positivamente as comunidades LGBTI+, pois como já visto anteriormente, tínhamos apenas os triângulos, em especial o rosa, que era carregado de um teor negativo e de uma triste história com grande carga negativa dos campos de concentração na Alemanha Nazista.

Originalmente a bandeira criada por Baker era composta por cores e cada uma tinha um significado específico representando diversos espectros do contexto de existência da humanidade: Rosa – Sexualidade; Vermelho – Vida; Laranja – Cura; Amarelo - A Luz do Sol; Verde – Natureza; Azul-turquesa – Arte; Anil – Harmonia; Violeta – Espírito Humano.

Essas cores foram gradualmente reduzidas para seis; Foram eliminadas os tons de anil e rosa, como também houve a substituição do azul-turquesa foi pelo azul. Isso ocorreu devido a dificuldade que se tinha em se produzir tecidos de coloração rosa, já que antigamente as bandeiras eram feitas artesanalmente por costura e não impressão gráfica como majoritariamente são hoje. Infelizmente, ainda hoje, a bandeira LGBTI+ não é considerada mundialmente como um “signo libertário”, sendo reduzida em significados e tida, muitas vezes, apenas como “a bandeira gay”.

1.2.4- O Rinoceronte Roxo

Figura 8: Rinoceronte Roxo



Fonte: https://pm1.narvii.com/6546/2ce1fac50eb6c2e430f7b76e6dd2fcb910aeaa70_hq.jpg

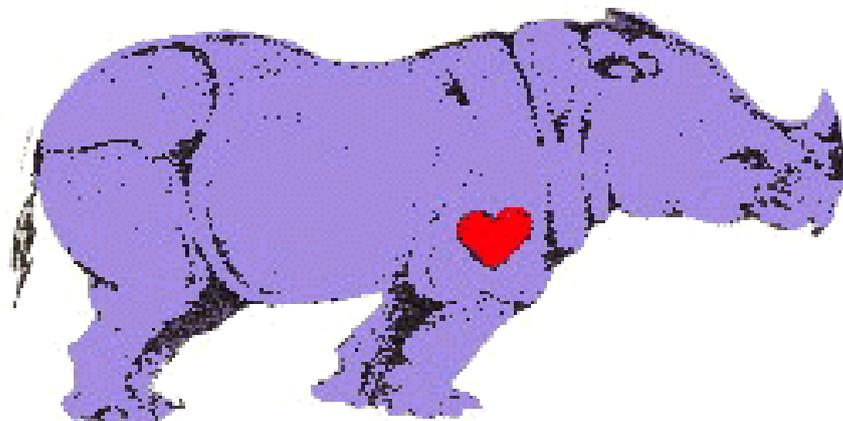
De acordo com o site outfrontmagazine.com, relatos dizem sobre o surgimento da imagem do rinoceronte de coloração roxa em 1974. De acordo com minhas pesquisas, as fontes divergem com relação a sua real autoria, enquanto uma denomina Bernie Toal e Tom Morganti, ativistas políticos dos direitos civis LGBTI+ de Boston, como seus criadores, outra diz que foram Bernie Toal e Daniel Thaxton.

A ideia foi a de criar uma ação com a intenção de dar visibilidade às questões LGBTI+. O animal rinoceronte foi divulgado nos metrô na cidade de Boston, Estados Unidos, entretanto seus idealizadores, infelizmente não tinham verba para bancar o custo de se fazer publicidade, assim o projeto acabou ficando muito oneroso para os militantes.

Não durou muito tempo, a tentativa de fazer com que o rinoceronte fosse absorvido foi um fracasso e ele não conseguiu ser disseminado para outros lugares. Segundo Toal: "O rinoceronte é um animal bem maligno e mal interpretado e, na verdade, uma criatura gentil". Acontece que quando ameaçado ele batalha de forma feroz. Naquele tempo, essa simbologia de resistência tinha um caráter que agradava e parecia fazer sentido aos ideais LGBTI+.

A cor roxa era reconhecida como a que representava melhor a comunidade LGBTI+ e o símbolo do coração, tem a intenção de sugerir o amor e a "humanidade comum de todas as pessoas". Nesse contexto, uma das apropriações que eu faço na composição final, é o da própria figura do rinoceronte e sua coloração junto do coração. Apesar de não ser um símbolo muito conhecido, tive o desejo de me apropriar dessa imagem, pois acredito que ela tenha grande potencial simbólico.

Figura 9: Rinoceronte Roxo



1.2.5 - A Mão de Cor Púrpura

Figura 10: Mão de Cor Púrpura



Fonte: <https://stophomofobia.files.wordpress.com/2011/04/purplehand.png?w=255>

Sabe-se que em 31 de Outubro de 1969, os integrantes do grupo “*Gay Liberation Front- GLF e da Society for Individual Rights*”, protestaram de forma ativa contra publicações de vários artigos do jornal San Francisco Examiner. O que foi relatado é que aqueles que manifestavam jogaram baldes de tinta púrpura sobre o prédio sede do jornal, e escreveram slogans, usando suas mãos como estampa em várias regiões de São Francisco como forma de protesto e resistência política.

Com tudo isso apresentado, percebe-se que cada ícone desses traz uma simbologia que me ajuda muito na construção da atual narrativa que proponho nessa pesquisa. O fato é que uso da apropriação dessas simbologias e as represento em minhas composições de forma a criar um resgate histórico desses símbolos e coloca-los de maneira contemporânea em minhas composições. Esses ícones entram em minha composição de modo que eu preservo suas características como cor e forma, com o objetivo de não descaracterizar suas simbologias, como também amplio seus significados, os relacionando com outros elementos compositivos como por exemplo as listras coloridas da bandeira LGBTI+.

Figura11: OLIVEIRA, Diego. 2017. Fragmento de uma das composições finais.



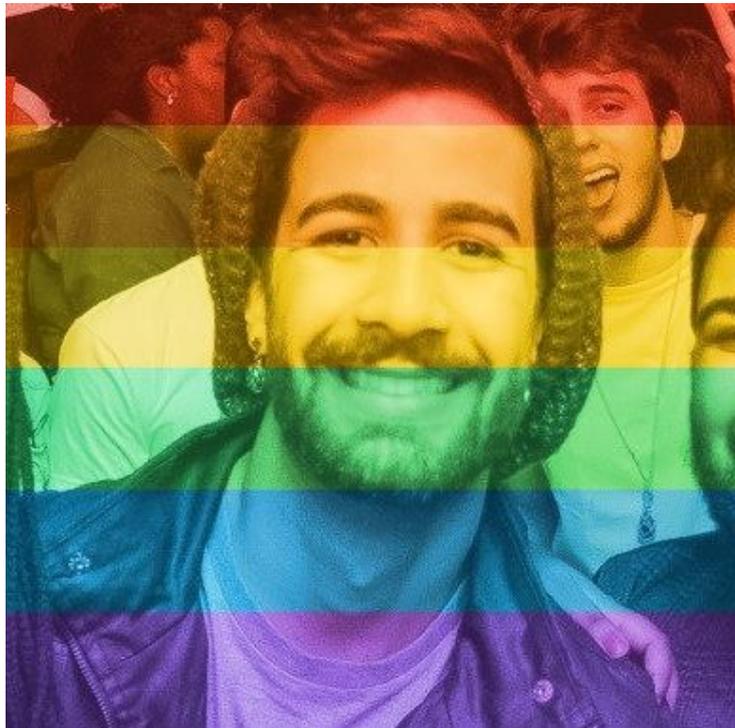
Fonte: Acervo do artista.

1.3- Love Wins: da Apropriação Simbólica á Visibilidade Necessária

Em meados de 2015 ocorreu nos Estados Unidos, uma decisão inédita até então, a legalização do casamento homoafetivo. Com esse fato, aconteceu a campanha *online*, *Love Wins*, que possibilitou às pessoas demonstrarem seu orgulho por pertencerem à comunidade LGBTI+, como também manifestarem seu apoio á celebração do amor.

Com isso ocorreu à apropriação do uso simbólico da bandeira e sua sobreposição sobre as fotografias que identificavam os perfis particulares de milhares de usuários da rede social *Facebook*, como também várias marcas de empresas privadas se posicionaram a favor das cores do arco-íris e fizeram coro ás postagens que dominaram ás contas daquela rede social, de forma divertida, mas muito representativa, dando visibilidade mundial a uma conquista, mesmo que local, da comunidade LGBTI+ dos EUA.

Figura 12: Fotografia do Artista com filtro pró LGBTI+, campanha [#LoveWins](#).



Fonte: www.facebook.com/photo.php?fbid=830453667046348&set=a.142834229141632.31920.100002451683940&type=3&theater

De acordo com o site huffpostbrasil.com, mais de 26 milhões de pessoas ao redor do mundo alteraram suas fotografias com o filtro arco-íris e as imagens tiveram mais de meio bilhão de curtidas e comentários relacionados.

Em um mundo marcado pela violação de direitos junto aqueles que estão a margem da sociedade, demonstrações de apoio e solidariedade como o fato de se posicionar a favor de uma minoria política como é a LGBTI+ significam ações de muita importância, pois corroboram junto as lutas da comunidade para a reparação de direitos históricos que sempre os foram negados. Percebemos assim, uma possível mudança de certos paradigmas que se mantiveram ao longo da história, mas que devido a muitas lutas individuais e coletivas hoje ganham visibilidade e apoio, o que possibilita que as lutas sociais por igualdade de direitos sejam aos poucos tiradas da margem e colocadas no centro das discussões e dos debates políticos.

CAP. II - DIÁLOGOS SOBRE O CORPO

2.1 - Estudos sobre o corpo: Antecedentes

Para melhor compreensão dessa pesquisa acredito que seja importante relatar os principais momentos que o corpo aparece no meu percurso artístico-acadêmico. Sendo assim, será possível entender o como esse assunto interessa e dialoga com os percursos percorridos sobre essa motivação.

O meu interesse pela pintura começa no período em que tive a oportunidade de cursar no terceiro período a matéria Composição e Cor. Nessa época tive a chance de aprender a teoria das cores, ressaltando os estudos sobre os aspectos físicos, perceptuais, representativos e relacionados às diversas culturas existentes nas quais ela se relaciona.

Dediquei-me a uma investigação teórica e também prática, nas quais tive o objetivo de entender como se aplicava as cores, as diferentes materialidades que a compõe, podendo assim produzir e manipular diversos materiais para a fabricação de têmperas ou até mesmo tintas feitas por indústrias, sempre atuando de forma a absorver a natureza, do como se criava as diversas cores e seus respectivos pigmentos. (Figura 13)

Figura 13: OLIVEIRA, Diego. Sem Título, Guache sobre papel, 21cm x 29.5cm, 2015.



Fonte: Acervo Pessoal do artista.

Depois de concluir aquele período, me matriculei nas disciplinas do quarto período, onde pude intensificar meus estudos sobre cor atuando agora por meio da linguagem artística que eu acho a mais difícil e paradoxalmente na qual eu mais me identifiquei, a pintura. Estudei a História da Pintura dentro do contexto da História da Arte por meio de vários debates e seminários apresentados em sala de aula, aprofundamos e desenvolvemos nossas técnicas de pintura e entendemos as várias possibilidades de se pintar, fosse à tela ou em qualquer outro suporte não convencional que quiséssemos. (Figura 14)

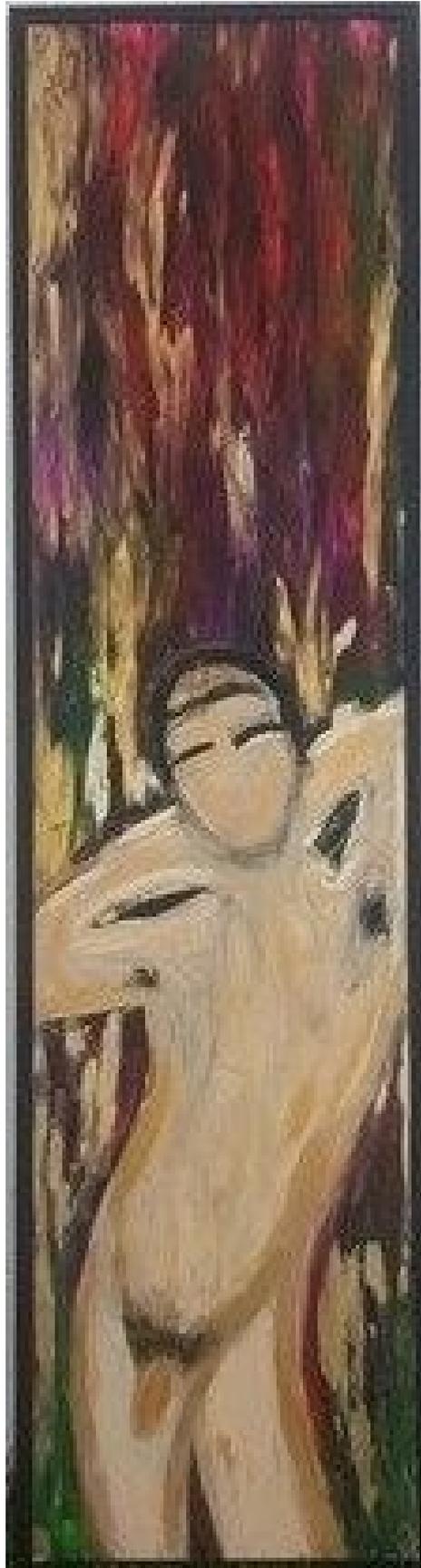
Figura 14: OLIVEIRA, Diego. Autorretrato, Acrílica sobre tela, 80cm x 60cm, 2016.



Fonte: Acervo Pessoal do artista.

Nos períodos seguintes, tínhamos a possibilidade de escolher os Ateliês nos quais poderíamos aprimorar ainda mais os saberes e técnicas que havíamos acumulado nos períodos iniciais do curso. Assim, acreditei que ingressar no ateliê de pintura era a escolha mais certa a se fazer. Esse Ateliê foi um “divisor de águas” na minha formação, ministrado pela professora Ana Duarte, pude estudar o viés contemporâneo da pintura e desenvolver de fato uma pesquisa poética. (Figuras 15 e 16)

Figura 15: OLIVEIRA, Diego. Autorretrato, Acrílica sobre Suporte Alternativo, 2.85m x 74cm, 2016.



Fonte: Acervo Pessoal do artista.

Figura 16: OLIVEIRA, Diego. Espelho Duplo, 2.55m x 74cm, 2016.



Fonte: Acervo Pessoal do artista.

Não satisfeito com o término do Ateliê, e tendo sido aprovado com a totalidade dos créditos daquela disciplina, comecei a investigar nas férias a pintura “expandida” e criei um vídeo arte, e tenho a cor como principal pensamento pictórico para trabalhar por meio do vídeo uma pintura em movimento. (Figura 17)

Figura 17: OLIVEIRA, Diego. Experiment 000. CLR, Vídeo, 2016.



DIEGO CAMPOS OLIVEIRA

FASHION CRUISE FILM

10406 VISUALIZAÇÕES

Fonte: <http://portalfashionfilms.com/fashioncruise/videos/156829258>

A seguinte descrição acompanha o vídeo:

“Um gole de vodca pura. Páginas rasgadas de uma revista antiga. Tinta vencida. O gosto de um cigarro na boca, tosse. Pressão, caos, delírio, transe. Transa. Composição de cores misturadas ao acaso premeditado. Camiseta velha. Couro, tricô, sarja. Dentro e fora da casa, de mim, em mim. Inteiro. Arte, a sorte que me afasta da morte, certa. Imatura, prematura, precoce. Rabisco de livre punho o rosto com a tinta das minhas veias. Escorre. Signo móvel que carrego em meu corpo. Vestido, despido, editado. Acesso o acessório que me traduz em essência. Referência. Tendência futura grafada no tecido e na célula. Ponto, corte, bainha. Cravo no peito a pedra e pó, a sombra e luz, combinados. Sutura. O limite é invenção do passado. No presente ardo, no futuro queimo até as cinzas se tornarem diamantes.”

Link: <http://portalfashionfilms.com/fashioncruise/videos/156829258>.

Devido a esse contexto apresentado, acredito ser necessário esclarecer que tal percurso sobre a investigação do corpo foi de extrema importância e permitiu que as verdadeiras questões pertinentes ao meu trabalho viessem à tona, como o contexto político e social em que esses corpos estão inseridos. Aprofundar-me no estudo do corpo, possibilitou o desenvolvimento dos caminhos de cunho ativista os quais tenho explorado atualmente. Hoje, minha relação poética se estende para além dos corpos que costumava a representar e se configura em uma tomada de consciência e responsabilidade com a própria esfera social a qual faço parte e me reconheço, não mais como sujeito passivo, mas como potencial agente transformador-criador de possibilidades visuais para uma tomada de empatia do outro.

2.2 - Artistas que potencializam essa pesquisa

2.2.1 Gilbert Baker: criador da bandeira LGBTI+

Figura 18: Gilbert Baker sewing the Rainbow Flag in NYC, 1994.
Photo: Mick Hicks. Courtesy the artist



Fonte: https://www.moma.org/explore/inside_out/2015/06/17/moma-acquires-the-rainbow-flag/

De acordo com seu site oficial , gilbertbaker.com, o artista norte-americano, Gilbert Baker (Chanute [Kansas], 2 de junho de 1951 — Nova Iorque, 31 de março de 2017.), é considerado um dos grandes nomes dos direitos LGBTI+ tendo sido o criador do atual design da bandeira do arco-íris datada de 1978.

O surgimento da bandeira marcou definitivamente a forma “simbólico-estético-moderna” do que conhecemos hoje como comunidade visualmente como os ideais LGBTI+. Tivemos em 2015, pelo Museu de Arte Moderna (MoMA), o status de reconhecimento da bandeira LGBTI+ como um símbolo internacional.

Gilbert Baker, nasce em 1951 na cidade norte-americana de Chanute. Ingressa no Exército estadunidense aos 19 anos de idade e é mandada a cidade São Francisco em meio ao “boom” dos movimentos pelos direitos civis, em especial, aqueles reivindicados pelas feministas, e os pela comunidade LGBTI+. Depois de um tempo, Baker abandona o seu lugar junto ao Exército, saindo do serviço militar com honrarias. Diante disso decide permanecer na cidade de São Francisco, lugar esse que se torna costureiro, por conta própria e inicia a criação de panfletos que dialogavam em favor dos direitos civis LGBTI+ e também com um teor anti-guerra.

Logo mais tarde ele viria a conhecer e se tornar amigo de um dos grandes políticos da história da Política norte-americana, o ativista Harvey Milk. Quando houve a marcha pelo orgulho LGBTI+ em 25 de junho de 1978, Harvey Milk, o primeiro político *gay* declarado dos Estados Unidos, solicitou que Baker a elaboração de um símbolo para representar essa comunidade como um todo.

Figura 19: The Original 8-color Rainbow Flag, San Francisco United Nations Plaza, June 25, 1978.



Fonte: https://www.moma.org/explore/inside_out/2015/06/17/moma-acquires-the-rainbow-flag/

Baker usa de suas habilidades de costureiro para unir os tecidos que ele mesmo tingiu com o objetivo de dar vida a bandeira do arco-íris. Segundo Baker, sua inspiração maior se deu pela música "*Over the Rainbow*", pela atriz Judy Garland. No início a construção da bandeira se deu com oito tonalidades de listras horizontais, de cores variadas, que ao decorrer dos anos foram sendo alterada, cada cor, é claro, preserva seu significado específico no conjunto total. Quando Milk é assassinado, em novembro de 1978, a quantidade de pessoas que queriam ter uma versão da bandeira aumentou muito. Assim, se deu início à carreira do artista celebrado pela criação do maior símbolo LGBTI+ de todos os tempos, até hoje.

Logo após a morte de Milk, Baker inicia seu trabalho junto "Paramount Flag Company" começando a sua criação de peças de publicidade com fins políticos, presidenciáveis e até mesmo famílias reais de diversos países pelo mundo afora. Com sua participação na empresa "Paramount Flag", ele teve a oportunidade de comercializar um novo modelo da bandeira, retirando inicialmente a cor rosa, devido a dificuldade de se obter essa cor específica naquela época.

Hoje temos a bandeira com um conjunto de listas posicionadas tal como em sua origem, no qual era necessário que houvessem uma composição numérica par de faixas colocadas de forma equilibrada nas ruas de San Francisco, sendo que metade ficaria de um lado da calçada e metade do outro lado da rua, desaparecendo assim mais uma cor, o azul turquesa.

De acordo com o artista, a bandeira: "...é uma forma de proclamar sua visibilidade, de dizer: 'Esse sou eu!', explicando, certa vez, ao museu "MoMa", de Nova York, quando esse adquiria a bandeira original idealizada por ele em 1978. Portanto, foi fundamental a criação da bandeira, pois com ela, Gilbert possibilitou que a comunidade LGBTI+ tivesse agora um novo símbolo, no qual pudessem se reconhecer e que não carregava mais um passado triste como o dos Triângulos do Holocausto, que mesmo ressignificados, ou empoderados, ainda não identificavam de forma positiva a comunidade não heterossexual, junto de seus ideais de luta pelas liberdades individuais, respeito às diferenças e celebração do amor.

Nesse sentido, acredito que meu trabalho ao se apropriar dessa iconografia da bandeira, como por exemplo, no caso de suas cores e até mesmo sua forma, em relação às suas faixas de cor, é possível que de maneira lúdica, conseguir representar quem são os corpos que realmente interessam ao projeto artístico que proponho fazer e qual contexto político e social eles estão inseridos. Demarcar e dar

visibilidade a partir do meu trabalho plástico a uma comunidade que historicamente é marcada pela violência e omissão de políticas públicas do Estado e resistência preconceituosa, seguido de chacinas de sujeitos LGBTI+ pela própria sociedade, que além de tudo os coloca a sua margem, é criar uma possibilidade poética que atravessa minha própria existência e me tira de uma postura passiva junto aos que se calam, dando legitimidade para que as injustiças sociais se perpetuem.

2.2.2 Keith Haring: o artista militante

Figura 20: Keith Haring



Fonte: <http://www.magriniartes.com.br/wp-content/uploads/2013/03/13keith-haring-1985-nyc.jpg>

De acordo com a biografia contida em seu site oficial “haring.com”, o artista visual Keith Haring, nasce em 1958, na Pensilvânia, Estados Unidos. Quando ainda jovem se interessa pelo desenho e desenvolve suas habilidades para tal, a partir das influências de animações da época, ícones da cultura norte-americana, como o Dr. Seuss e o Walt Disney.

Em 1978, Haring se muda para New York onde ingressa na Escola de Artes Visuais (SVA). Envoltos pela cultura novai-orquina ele se depara com um contexto em que existe uma forte cena artística alternativa se estabelecendo para além dos espaços já conhecidos de galerias particulares e museus, agora o que acontece é uma retomada do espaço público pelos artistas, onde as ruas, os metrô são também espaços para se pensar e criar arte. Nessa época, ele se torna amigo de outros criativos como Kenny Scharf e Jean Basquiat, dentre outros que movimentavam a potente realidade artística e

intelectual naquele tempo.

Suas principais inspirações são as obras Jean Dubuffet, Alechinsky Pierre, William Burroughs, Gysin Brion e Henri manifesto Robert O Espírito de Arte, que se configura como a autonomia e liberdade artísticas. Devido a essas referências, Haring consegue se expressar de forma magistral a partir do uso expressivo da "linha". Outro ponto importante é lembrar que seu desejo intencionalidades da característica pública e de participação que carregava, a partir de trabalhos influenciadores como os de Christo, e a filosofia de Andy Warhol que acreditava na união indissociável entre as artes e a vida, o que fez com que ele voltasse sua carreira para a criação de um trabalho acessível, voltado para as ruas, e para o "popular".

A produção de Haring tem majoritariamente um caráter público e é carregada com uma poética que dialoga com sociedade. Sabe-se que ele criou mais de 50 obras públicas ao redor do mundo entre os anos de 1982 á 1989. Muitas de suas obras foram dedicadas á organizações humanitárias de caridade, hospitais, crianças, creches e orfanatos.

Em 1988, Haring descobre ser mais um das vítimas da epidemia de AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida) e em 1989 cria a "Fundação Keith Haring" que tem o objetivo de fomentar capital financeiro e imagens para instituições de combate e prevenção da doença e projetos voltados para crianças, como também gerar exposições, publicações dos seus trabalhos. Durante seus últimos anos de vida, seu trabalho foi voltado para uma poética de caráter ativista e conscientização de saúde pública, como também o contra o preconceito sobre a doença AIDS, considerada um tabu e tida como "o câncer *gay*".

Sua carreira foi muito expressiva durante a década de 80, e se tornou um grande nome em atuação em projetos colaborativos com nomes do universo artístico como: Madonna, Grace Jones, Bill T. Jones, William Burroughs, Timothy Leary, Jenny Holzer, Yoko Ono e Andy Warhol. Devido ao fato de sua poética compreender questões que interessam a todos como a ideia de não perenidade da vida, sexualidade, saúde, afeto e conflitos sociais e com uma pintura muito objetiva, Haring conseguiu cair no gosto de muita gente e gravar seu nome como um dos principais Artistas Plásticos, sendo reconhecido mundialmente como um dos maiores nomes do século 20.

Infelizmente, a carreira de Keith Haring durou poucos anos, pois ele morreu em decorrência de complicações de saúde, devido ao fato de ser portador do vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) aos 31 anos. Dentre os trabalhos que mais potencializaram minha pesquisa visual, e as conexões possíveis entre o trabalho que K. Haring propôs com o meu próprio, elejo alguns que mais me interessam e que acredito terem sido de grande importância para a compreensão do meu processo e a proposição do projeto, de forma a me fundamentar por meio de suas cores e escolhas compositivas.

Figura 21: Keith Haring, Silence-Death, 1988, INSTITUTION de Young Museum, San Francisco.

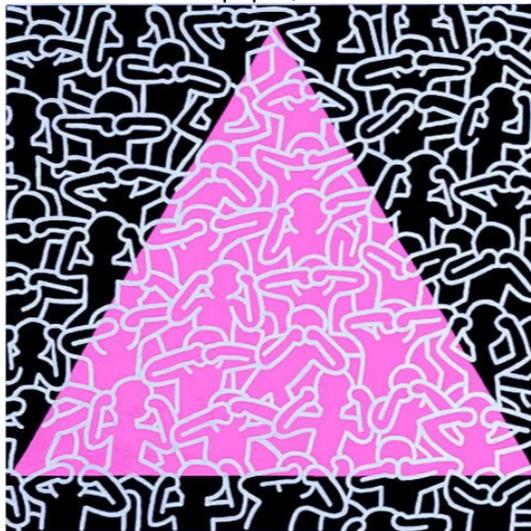
Acrylic on canvas, 274.3 × 304.8 × 274.3 cm.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/keith-haring-silence-death>

Figura 22: Keith Haring, Silence=Death, 1989, OFFERED BY Great Dane Auctions.

Silkscreen on paper, 99.1 × 99.1 cm.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/keith-haring-silence-equals-death-7>

Figura 23: Keith Haring, Ignorance = Fear, 1989; Poster, 61 x 110cm.



Fonte: <http://www.haring.com/!/art-work/253#.WqrXEftSyUk>

Como colocado anteriormente Keith Haring foi fundamental para potencializar minha produção pictórica. Acredito que seja importante esclarecer que esse dialogo com ele, se traduz por meio de um cruzamento entre meus trabalhos plásticos, pela forma, como por exemplo, a partir o uso da iconografia do triangulo rosa, a presença de um “corpo” ou silhueta de um personagem, as cores, em especial o uso do *pink*, a utilização e compreensão da palavra pintada, que se comporta também como imagem, e as conexões com o grafite.

Figura 24: OLIVEIRA, Diego. Love is Love, 2017. 100 x 80cm.



Fonte: Acervo do artista

CAP III - "MASCULINIDADE: "EU & EUS"

3.1 – Gênese pictórico: Primeira etapa

Meus estudos artísticos no decorrer da graduação de Artes visuais nessa Universidade, me levaram a alguns apontamentos muito pertinentes que contribuíram para eu entender questões como motivação, legitimação e intencionalidades sobre o objeto de estudo (corpo). Dentre eles posso citar que a figura do homem na produção de imagens sempre foi posta como elemento recorrente nas pinturas que produzo, e que desde os primeiros estudos em desenho até a produção dos primeiros trabalhos pictóricos, procurei usar da imagem masculina para dar luz a questões subjetivas, que para eu, nem sempre estiveram claras.

Não gosto de trabalhar com paisagens, em meus segundos planos, não procurei lugares, salas, quartos ou qualquer ambiente reconhecível em primeira instancia, e acredito que isso de representar um espaço físico não funciona para o que me proponho a fazer. Tendo a gostar muito mais de uma ambientação psicológica, algo que fique entre um limbo e um sonho, confesso que nem sempre conseguirei representar isso, acredito que o olhar tende a colocar o corpo em um espaço já dado pelo senso comum, portanto interpretações de fundo como paredes serão sempre recorrentes. (Figuras 25 e 26)

Figura 25: OLIVEIRA, Diego. Série: Dramatizações pictóricas sobre o corpo, a solidão & a masculinidade contemporânea, Acrílica e Tempera Guache, 26.5cm x 17.5cm, 2017.



Fonte: Acervo Pessoal do artista. (Fotografia Paula Borela)

Figura 26: OLIVEIRA, Diego. Série: Dramatizações pictóricas sobre o corpo, a solidão & a masculinidade contemporânea, Acrílica e Tempera Guache, 26.5cm x 17.5cm, 2017.



Fonte: Acervo Pessoal do artista. (Fotografia Paula Borela)

Cheguei a expor duas vezes essa primeira etapa do meu projeto, em um dos momentos de forma coletiva, onde estiveram presentes vários artistas e em outro momento a exposição foi individual. O nome que eu criei para essa exposição parte desse projeto de TCC, “Dramatizações Pictóricas” essa escolha se deu muito por conta do sentimento que acredito estar contido nas imagens que eu crio, o drama.

Essas pinturas pretendiam insinuar corpos joviais masculinos metaforizando uma latente sensualidade sem tender á pornografia, ou ao anacronismo, mas que funcionaram em certo momento como uma “ode” ao movimento dos corpos que se por vezes se desnudam, outras se ocultam. Existe certo drama acerca dos conflitos subjetivos que permeiam a construção da masculinidade na contemporaneidade, algumas dessas composições abordam essa não preocupação no olhar do outro, sobre seu próprio corpo. Sobre os movimentos pretendidos, enxerguei um excitar, proteger, cobrir e velar que dialogaram paradoxalmente com um jogo de revela-se sem desnudar por completo, quase que uma dança sobre os suportes que escolhi.

Ao me ater na observação de algumas características que o conjunto das minhas imagens revelam, percebo ser comum certo grau andrógino, seguido de uma gestualidade quase feminina e uma sutileza dramática, apesar de um corpo que se refere à figura masculina, e que corresponde diretamente ao meu sujeito de estudo. Isso faz com que haja um dialogo com as questões que me possibilitaram o

despertar de desejos reais em aprofundar meus estudos no como isso me afeta e me “atravessa”, como também as relações diretas desses elementos “afeminados” no contexto político contemporâneo.

A pictóricidade, presente nessa mescla de cores controversas contidas nas produções, deu tom a visão ousada que me permiti ter sobre a construção da masculinidade e assumi o risco delas, que para muitos são “vivas de mais”, dissonantes, uma profusão que eu chamo de “cores ácidas”. “O Grito”, de Munch, incomodou a muitos pela ausência de som, e gritou por suas formas, confesso que também escolhi gritar, mas pelas cores.

Tenho a linguagem plástica, pintura, como o melhor dispositivo artístico que possuo para criar minhas imagens, materializar alguns desejos mentais e ilustrar diversas poesias visuais. Com ela consigo desenvolver meu fazer e pensar artísticos melhor que em qualquer outra vertente da Arte.

Torna-se indispensável esclarecer que desejo, sensualidade e a “sexualidade declarada” fizeram parte dessas investigações pictóricas. Busquei falar sobre a solidão, essa presente de forma tímida intimamente nas figuras insulares muitas vezes centralizadas nas composições, envoltas por uma ambientação em geral abstrata. Refi-me ali também ao meu desejo inicial de tratar sobre um “corpo da moda”, aquele padronizado, que de certa forma busca sempre vender algo, até mesmo ideais, mostrar alguma coisa que deve ser consumida, mas afinal? Consumir o que? A mim também, possivelmente.

Cheguei à conclusão que realmente existiram imagens que deveriam ser consumidas, essas, fruto do meu trabalho artístico, quero então que devorem as devorem, se lancem dentro dessas composições pictóricas encharcadas, envoltas de eu e outros “eus” nos quais me reconheci, mas também aqueles desejos, gostos, dramas e vulnerabilidades que estão agora externados. Minha intenção se localizou nesse momento inicial em despertar desejos no meu observador, assim de certa forma eu acreditei que eu também despertaria, minha subjetividade foi dada. (Figuras 27, 28, 29,30,31,32 e 33.)

Figura 27: OLIVEIRA, Diego. Conjunto seriado: Dramatizações Pictóricas 2017.



Figura 28



Figura 29



Figura 30

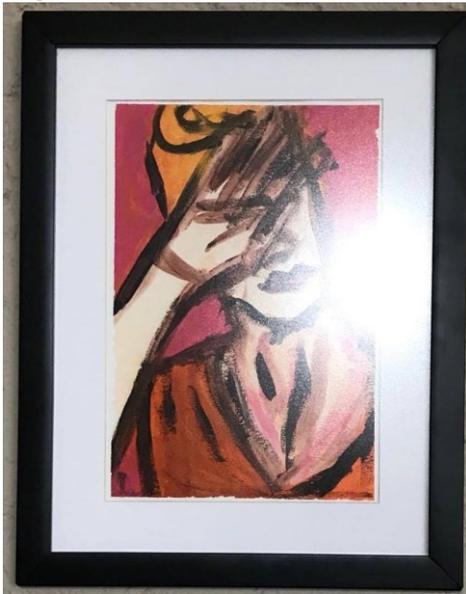


Figura 31



Figura 32



Figura 33



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Portanto, essas questões apresentadas resumem minha escolha em adentrar e desbravar o universo da pintura que possibilitaram a construção desse trabalho. A partir dessa fase eu tenho então a necessidade de ir além, e mais a fundo no meu objeto de estudo, pois ainda não me sentia satisfeito com a simbologia que eu estava criando, faltava algo que descobri tardiamente que veio a ser o discurso político de forma declarada, sobre as minhas questões mais íntimas e potentes. Assim, o trabalho se enveredou para uma pesquisa extremamente sensível e muito importante sobre a historicidade, símbolos de ativismo LGBTI+.

3.2 - Sobre as Cores e as Formas

No primeiro momento dessa monografia, meu suporte de trabalho foi tomado por uma gama de cores que intuitivamente unem-se para dar corpo e forma às composições. Percebo que muito dos meus croquis não são exatos com o resultado pictórico final e vejo isso como um ganho, a tinta sempre me dá possibilidades de caminhar além dos trajetos que previamente imaginei que iria percorrer. A composição sofre alterações ao longo do processo criativo, isso cria algo que antes apenas por pensamento eu não conseguiria conceber.

As áreas de cores são muitas vezes delimitadas por grafismos de cor preta, isso é uma escolha consciente e pessoal. Apesar de a cor ter sido liberta dos limites que a linha estabelecia ao decorrer da história da arte, sendo isso um ganho conquistado pela modernidade das artes, acredito que é interessante dançar sob esses limiares. Permito que por vezes haja grafismo claro e nítido nas composições, mas em outros momentos esses grafismos se metamorfizam em massa e se comportam como blocos de cores.

Essa característica acaba por construir limites claros sobre os territórios cromáticos que eu emprego nas pinturas, sendo uma constante que não se perde no decorrer da minha produção, mas que ganha força e se configura em um gosto estético que me acompanha na feitura dos projetos.

Procuro trabalhar com a cor “virgem”, não faço misturas antes de pintar, gosto de cores saturadas, as considero mais vivas. Por vezes minhas cores podem se misturar, mas isso ocorre no momento que sobreponho um grafismo sobre uma área já preenchida ou escolho um determinado local para depositar um fragmento de cor, com o objetivo de buscar equilibrar cromaticamente a imagem.

No segundo momento, embora sejam as mesmas cores da paleta essas, o sentido que elas carregam é outro. No final dessa monografia o resultado que obtive das sobre as cores foi de grande significância, pois as próprias cores tornaram-se símbolos, por elas pude destrinchar as iconografias das imagens pró-LGBTI+, como o triângulo rosa, a mão e o rinoceronte roxos e as multicores da bandeira do orgulho LGBTI+. Essas cores, apesar de sempre estarem presentes historicamente na minha produção artística tomou um significado maior e mais maduro à medida que eu dei sentido a sua potencia iconográfica e simbólica junto da composição das imagens e na narrativa pictórica pretendida. Minhas cores declaram caráter político.

3.3 - Sobre o desejo: Sexualidade declarada

Desejo, esse presente desde o nascimento, seja por alimento, água, carinho, atenção, abraço, estão intimamente ligados às necessidades humanas mais básicas, ele corresponde aquilo que precisamos para sobreviver e termos saúde, seja ela física ou mental. Certa vez ouvi que o artista pinta aquilo que quer ver, mas creio que ele também pinte seus desejos mais íntimos, e claro, sua subjetividade o que muitas vezes nem ele mesmo tem total compreensão, mas entende que aquilo lhe atravessa de alguma forma.

Ao longo da História da Arte muitos foram os artistas que usaram seus amantes como modelo vivo na produção de suas obras. A sexualidade de muitos já foi alvo de apontamentos em diversas épocas, eles ocultaram sua sexualidade quando essa não correspondia ao julgado até então como “natural” e em diversos casos legal. Ser homossexual em determinado período e local poderia tornar-te vítima de terríveis sentenças jurídicas e condenações como, por exemplo, a morte.

Com o passar dos séculos, a sociedade tendeu a evoluir de forma sutil, porém significativa com relação a questões ligadas a pluralidade fatídica e real de diversas sexualidades e formas de amar. Entendemos assim, que por estarmos em um período contemporâneo em que evocamos a celebração das diversidades, a partir da luta e resistência das minorias políticas, ela é justa e necessária para a coexistência da vida em sociedade, logo teorizar de forma científica-artística temas estruturais como a multiplicidade dos corpos e indivíduos se faz justa e necessária.

Acredito que com o surgimento da internet houve a possibilidade de um maior acesso a conteúdos homoeróticos, homoafetivos e não distantes da pornografia *gay* como possibilidades estéticas ou até mesmo categorias artísticas mais fortes que em algumas décadas passadas. Meu trabalho é também produto desse contexto, sendo influenciado no primeiro momento dessa monografia pela fotografia de arte com certo tom homoerótico, mas que no segundo momento se desdobra para um contexto político e de ideologia pró-LGBTI+.

Dentro desse contexto, acredito que minha pintura que inicialmente procurou retratar homens *gays* e seus dramas subjetivos, que em também passam pelos meus, contudo os sujeitos das imagens que construía naquele momento ultrapassava o discurso dos ditadores heteronormativos (que colocam os “desviados” em um determinado lugar), compostas por certo erotismo sutil, com foco

na figura masculina, na beleza de corpos saudáveis, viris e joviais minhas pinturas em certa instância poderia ser compreendida ainda de forma insípida.

Com o amadurecer do meu objeto de estudo e das minhas questões subjetivas, pude desenvolver uma intencionalidade que tem como objetivo ser uma “ode ao amor que até algum tempo atrás não ousavam nomear”, um grito pictórico ao orgulho e pelas vidas dos milhares de LGBTI+ que são assassinados diariamente pelo Brasil. (Ler o Relatório dos LGBTI+ brasileiros assassinados em 2016 disponível em Anexo.)

3.4 Orgulho sobre tela: Dramatizações Afetivas

De acordo com o site wikipedia.org, o sentimento orgulho de Orgulho LGBTI+, diz respeito á satisfação pelas orientações sexuais e identidades de gêneros declaradas e vivenciadas pelos próprios LGBTI+. Existem três importantes pilares que o movimento tem como base que são: A compreensão da necessidade de um sentimento positivo e orgulhoso perante sua condição de orientação sexual e identidade de gênero; A Clareza que a diversidade significa uma dádiva; Como também o entendimento de que tanto a orientação sexual quanto a identidade de gênero são características intrínsecas ao sujeito e não são passivas de serem mudadas de forma intencional, ou moldadas para outro aspecto.

O termo “orgulho” tem a função de antônimo frente à palavra “vergonha”, que historicamente foi colocada aos LGBTI+ de forma negativa e opressiva com o intuito de exercer sobre eles controle e poder. Logo, quando a comunidade e o próprio sujeito LGBTI+ tomam para si tal sentimento, eles empoderam-se frente ao corpo social geral, que é extremamente preconceituoso e tenta sempre os colocar á margem da sociedade.

Historicamente, a primeira grande ação do movimento LGBTI+ aconteceu com a Revolta de Stonewall, em 1969. O fato é que devido aos enormes abusos de autoridade e violência policial gratuitas, tendo seu principal alvo os poucos locais, como os bares, conhecidos por serem frequentados pelo público LGBTI+, acabaram por gerar resistência por parte dos clientes, que cansados das frequentes humilhações, enfrentaram vigorosamente a batida policial. Esse incidente veio a ser registrado como inaugural onde houve alguma ação de enfrentamento coletivo contra a violência sistematizada do Estado frente à comunidade LGBTI+.

Posteriormente a isso, todos os anos subsequentes aconteceriam comemorações de “aniversário” da insurreição de Stonewall, esses aniversários se configuraram em algo maior, que hoje tomou uma proporção mundial e conhecemos como: “Parada LGBTI+”. O movimento atualmente visa uma série de intervenções afirmativas para a comunidade LGBTI+, celebra o orgulho da mesma, permite simbolicamente a manifestação do amor, exige o reconhecimento de direitos iguais frente aos “não-LGBTI+”, como também denuncia as violências que essa comunidade é alvo cotidianamente.

O segundo momento do meu trabalho plástico, que se configura como a proposta visual de arte final para essa monografia, reside principalmente nesse viés duplo, tanto o do orgulho sobre ser LGBTI+ quanto o da denuncia sobre as violências que somos acometidos diariamente e que ceifam inúmeras vidas.

Nesse sentido, a série adiante corresponde às composições pictóricas que visam denunciar a violência que os LGBTI+ são submetidos, como também dar visibilidade a suas cores e coloca-los de forma positiva, dialogando com obras, ícones e símbolos aqui já apresentados, ressignificando e criando novas possibilidades de se pensar a pintura como possibilidade potente denúncia, visibilidade e representatividade. (Figuras 34,35,36,37,38,39 e 40.)

Figura 34: OLIVEIRA, Diego. *Born This Way*, 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Nessa série, as composições tem um caráter de manifestação política pró-LGBTI+ explícito. A figura 34, por exemplo, de título “*Born This Way*”, que em tradução livre do Inglês significa “nascido assim”, corresponde a uma pintura na qual se localizam todos os sujeitos da sigla “LGBTI+” (*Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender/Transsexual, Intersexed.*) optei por manter os termos pintados no idioma inglês, por ver ele como uma língua universal. O Termo “*born this way*” está em segundo plano, e se mistura na dança de cores que os espectros das sexualidades não-heterossexuais estão presentificadas.

Figura 35: OLIVEIRA, Diego. *God Loves Fags*, 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A pintura “*God Loves Fags*”, que em tradução livre do Inglês significa “Deus ama os viados” foi usado no sentido de confrontar politicamente o posicionamento de algumas vertentes religiosas que pregam ódio á comunidade LGBTI+. Na composição são representadas duas freiras uma ao lado da outra que encaram o observador, que no caso se localizaria atrás delas. Na Parte superior da imagem existem dois braços que representam o “criador”, Deus, de suas mãos “escorrem” dois arco-íris, que vão de encontro a duas outras mãos na parte inferior da composição, num como uma possível benção, no sentido metafórico de que existe amor pelos LGBTI+, desconstruindo a ideia do pecado e do pecador referente a condição sexual dos sujeitos.

Figura 36: OLIVEIRA, Diego. *Stop Hate*, 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A figura 36, corresponde a um “grito” para que se pare com o ódio voltado á comunidade LGBTI+. A inscrição é acompanhada de mãos que se unem no sentido de um bloqueio a toda hostilidade que é praticada contra a comunidade. Os olhos que flutuam e carregam as cores da bandeira do orgulho, tem a intenção de representar metaforicamente uma consciência coletiva de identidade.

Figura 37: OLIVEIRA, Diego. *Love is Love*, 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Na pintura 37, tem como título “*Love is Love*”, que em tradução livre significa “amor é amor”. Essa composição se apresenta com diversas iconografias e símbolos já apresentados, como as mãos de cor púrpura, o triângulo rosa e até mesmo o chifre do rinoceronte roxo na figura humana que se localiza atrás do coração, esconderia ele próprio do amor? Acredito que sim, pois é isso que acontece muitas vezes, ainda mais quando seu afeto é alvo de julgamentos e ódio gratuitos.

Figura 38: OLIVEIRA, Diego. *2QT2BSTR8*, 2017. Acrílica sobre tela, 80cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A pintura intitulada “*2QT2BSTR8*”, é uma provocação lúdica que faz menção a frase “*Too cute to be straight*” que em tradução livre significa, “muito fofo para ser hétero” e geralmente é usado por LGBTI+, em especial os Gays na internet com o objetivo de elogiar algum menino ou menina bonitos. Aqui há um uso direto da imagem do rinoceronte roxo, preservasse sua cor, mantem-se sua forma, mas desloca-se o coração que com intuito de provocar meu observador foi deslocado para parte traseira do animal.

Figura 39: OLIVEIRA, Diego. *Stop Killing Us*, 2017. Acrílica sobre tela, 8 0cm x 100cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Figura 40: OLIVEIRA, Diego. *Silêncio = Morte*, 2017. Acrílica sobre tela, 180cm x 120cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A composição “Silêncio = Morte”, corresponde a única pintura que propositalmente não foi utilizado do inglês, e faz uma alusão direta as palavras pintadas na obra *Ignorance = Fear*, de Keith Haring. O uso das palavras em português tem a intenção de localizar o local em que essas mortes ocorreram, no caso o Brasil. Tanto a mão de cor púrpura, quanto a iconografia das faixas da bandeira do orgulho são utilizadas, preservando suas cores, mas alterando sua disposição, no caso da “bandeira”, configurando-se como uma ideia de “fitas” que são abruptamente cruzadas por uma faixa preta que remete ao luto e divide a imagem.

Torna-se importante ressaltar que foram pintados 343 crucifixos brancos, simbolicamente em homenagem os 343 LGBTI+ assassinados no Brasil em 2016, de acordo com os dados presentes no relatório anual daquele mesmo ano, feito pelo Grupo Gay da Bahia. (Consultar anexo.)

Considerações finais

Essa monografia me permitiu investigar diversos pontos importantes ao decorrer dos meus estudos sobre a pintura, como também as possibilidades de arte como política. Por meio dela, acredito que expandi meus conhecimentos no estudo direcionado para aquilo que mais me interessava em relação aos processos de assimilação de iconografias e ressignificação das mesmas por meio da elaboração de novas imagens com diversos significados, tendo como foco uma investigação histórica sobre as questões que permeiam a comunidade LGBTI+ e suas potencialidades imagéticas.

Através de análises teóricas, comparações, indagações e apontamentos críticos feitos ao longo dessa pesquisa, acredito que entendo como se configurou minha mudança de problemática, do que eu realmente necessitava investigar, de forma que no momento final da pesquisa consegui chegar em um resultado que sinto ter mais força e verdade. Portanto, iniciando as investigações pelo estudo do corpo, e ao me permitir um autoconhecimento mais profundo, pude desdobrar meu interesse de forma autêntica e potencializar minha poética por meio de um viés plástico visual com teor político justo e necessário para o meu fazer artístico.

Acredito que seja importante ressaltar que a essência do meu trabalho é a mesma, creio que o que aconteceu no processo de escrita dessa monografia foi uma “tomada de consciência” sobre a necessidade de um aprofundamento sobre aquilo que me faz querer ser um propositor de imagens, como por exemplo, a denúncia de injustiças sociais e o combate ao ódio e às diversas formas de violência. Compreendo, dessa forma, que ao me ater à investigação simbólica das representações do espectro LGBTI+ e às várias questões que permeiam a essa comunidade, pude avançar minha produção pictórica para uma possibilidade questionadora mais potente e significativa.

Os estudos sobre os símbolos que permeiam a construção visual da comunidade LGBTI+ frente a sua representação na sociedade contemporânea permitiram que houvesse o resgate de elementos visuais como o Triângulo Rosa, a Mão Púrpura e o Rinoceronte Roxo. Eles possibilitaram uma nova relação de sentidos sobre os corpos que eu investigava no primeiro momento de forma que no segundo momento esses corpos significam o coletivo dos próprios LGBTI+, sejam eles representados pela inscrição de seus espectros de identidades na tela

funcionando como corpo de “palavras-imagem”, pelas figuras das mãos, o próprio rinoceronte, as figuras andróginas ou o corpo estendido sem mãos pés ou cabeça. As composições foram pensadas de forma a declarar sua mensagem de forma objetiva. Nesse sentido, o papel da escrita como imagem foi fundamental, pois em tempos confusos como o atual, em que os significados artísticos facilmente se confundem, o que quero dizer enquanto artista ,seja compreendido e que não haja dúvidas quanto ao objetivo político dessa narrativa pictórica.

O processo de conscientização foi potencializado por vários artistas, sobretudo Keith Haring e Gilbert Baker. Esses despertaram, a partir do uso de suas cores e escolhas compositivas no campo pictórico, a ideia de realizar conexões com suas obras como a própria bandeira LGBTI+ e as escritas presentes na obra, por exemplo as “palavras-imagem” *SILENCE = DEATH*.

Esse projeto desejou denunciar e colocar em suspensão os dramas e as violências às quais os LGBTI+ são alvo. Por conseguinte, ele se configurou como um mecanismo de descoberta e experimentação não só das dores e vulnerabilidades do outro, mas do meu próprio ser. Acredito que viver em uma sociedade como a nossa, na qual os indivíduos são condicionados a exercerem poder uns sobre os outros de forma a abafar ou até mesmo eliminar o que é diverso, e sobreviver sendo LGBTI+ orgulhoso, torna-se um ato político necessário para a transformação da sociedade e para quebra dos paradigmas instaurados.

Referências Bibliográficas

Livros

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ARCHER, Michel. **Arte Contemporânea: Uma história Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES FILHO, Joao. **Gestalt do objeto: Sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2000.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Ed. Edgard Blucher, São Paulo. 1986

PEDROSA, Israel. **Da Cor a Cor Inexistente**. Rio de Janeiro, Editorial Ltda, 1997.

LE BRETON, David. **Introdução: o cor-po no rascunho**. In. _____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

LEDDICK, David. **The Male Nude**. TASCHEN, 2012.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FOUCAULT, Michel – **Os Anormais** – Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel – **História da Sexualidade – A Vontade de Saber** – Graal, 2007.

Endereços Eletrônicos

Duarte, Ana. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=simulacros+do+corpo+aninha+duarte+>. Acesso em: Dez. 2017.

Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-39462530>. Acesso em Set. 2017.

Disponível em: <http://www.gilbertbaker.com>. Acesso em: Set. 2017.

Antonelli, Paola. Disponível em: https://www.moma.org/explore/inside_out/2015/06/17/moma-acquires-the-rainbow-flag/. Acesso em: Out. 2017.

Howe, Ryan. Disponível em: <https://www.outfrontmagazine.com/perspectives/purple-rhinos-strong-beginnings-extinction-resurrection/>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <http://www.haring.com/!/about-haring/bio#.WgsNR1tSyUk>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <http://www.moreeuw.com/histoire-art/keith-haring.htm>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <https://endinghiv.org.au/nsw/blog/legends-keith-haring/>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <http://www.revelandriot.com/resources/lgbt-art-history/>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <http://www.swade.net/gallery/symbols.html>. Acesso em: Set. 2017.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/LGBT_symbols. Acesso em: Set. 2017.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Simbologia_LGBT. Acesso em: Set. 2017.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:LGBT>. Acesso em: Set. 2017.

LÓPEZ, ALBERTO. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/02/internacional/1496354435_812969.html. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: https://comunidade-lgbt.aminoapps.com/page/blog/rinoceronte-roxo/Z6kX_pmzfBugMGREGLadLYbJR4r5jEg8m2x. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/11/simbolos-e-seus-significados-na-cultura-lgbt/>. Acesso em Nov. 2017.

Disponível em: <http://www.thepinktriangle.com>. Acesso em: Out. 2017.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/marcas-brasileiras-tambem-adotaram-a-campanha-lovewins/>. Acesso em Nov. 2017.

Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2015/06/29/lovewins-mais-de-26-milhoes-de-pessoas-adotaram-arco-iris-na-f_a_21685134/. Acesso em Nov. 2017.

Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/>. Acesso em Nov. 2017.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Orgulho_LGBT. Acesso em Dez. 2017.